

D E B A T E S

Angústia, êxtase e revelação *

*No mundo
da racionalidade
tecnológica e do consumo,
nesses tempos
de pós-humanidade
em que estamos
mergulhados, vivendo
a experiência do horror
econômico, do horror
político, do horror social,
do horror cultural,
do horror religioso,
do horror, temos urgência
de uma linguagem
capaz de nos devolver
a nostalgia do divino
e – por que não? –
a nostalgia do humano.*

Waldecy Tenório

*Investigador do IEA
– Instituto de Estudos Avançados
Universidade de São Paulo
(Brasil)*

Introdução

“Que extraordinários professores nós éramos quando não nos preocupávamos com a pedagogia”. A provocação do romancista francês Daniel Pennac (1) deve ser entendida como uma crítica a esses modismos pedagógicos que lá, como aqui, criam sombras que atrapalham o debate sobre as grandes questões da educação. E se retomo essa frase é porque também quero dissipar sombras e não simplesmente dizer o que se deve e como se deve ensinar. Primeiro porque não sei e, segundo, porque prefiro ficar no veio mais profundo das raízes, onde se encontram as questões paidêumicas (2), aquelas que a escola deve prioritariamente transmitir.

Assim, minha intervenção nesta mesa, para a qual fui honrosamente convidado pela amizade fiel do professor Eulálio Figueira, será marcada pelo que podemos chamar de “pressuposto antropológico”, uma espécie de mapa e roteiro do que vou dizer. Mas não me reporto indistintamente a qualquer antropologia. Certamente a nenhuma que prive o ser humano de sua transcendência. Poderia me reportar a uma antropologia teológica, sob a influência do pensamento de um Karl Rahner Poderia. O problema é que o adjetivo que aí aparece, “teo-

* Intervenção no Simpósio organizado pelo prof. dr. Eulálio Figueira durante o I Encontro do GT Nacional de História das Religiões realizado em Maringá, de 7 a 10 de maio de 2007.

WALDECY TENÓRIO

lógica”, poderá estimular um teólogo cortesão a confiscar o conceito e a colocá-lo a serviço dos interesses de sua instituição. Prefiro por isso cortar caminho e me reportar diretamente a uma antropologia bem determinada: a antropologia de Teilhard de Chardin, da qual os cortesãos correm, como o diabo, da cruz.

Mas se elejo a antropologia teillardiana como eixo central de minha intervenção, é por dois motivos: 1) Basta lembrar o título mais importante da vasta obra de Chardin, *O fenômeno humano*, para situá-lo no centro do “pressuposto antropológico” a que me referi no começo; 2) Chardin é poeta, leitor de Saint-Exupéry, apaixonou-se pelo romance *Terra dos Homens*, e logo compreendeu a alegação essencial da literatura, de que o homem, no sentimento e no discurso, pode transcender a sua condição. O eixo central de minha intervenção é, portanto, a antropologia teológica de Teilhard de Chardin e a antropologia literária de Saint-Exupéry.

Por isso, começo por fazer algumas aproximações entre essas duas grandes vozes do século XX: O paleontólogo e teólogo, autor de *O fenômeno humano*, e o aviador romancista, autor de *Terra dos homens*, e de tantos outros títulos memoráveis. É possível?

Primeira aproximação

Não só é possível, como ela se verifica de fato, essa aproximação. Para começar, ambos são franceses. Teilhard nasce em 1881 e morre em 1955, aos 74 anos. Saint-Exupéry nasce em 1900, 19 anos depois do nascimento de Teilhard, e morre em 1944, aos 44 anos, 11 anos antes da morte de Teilhard. Se pensarmos somente na chamada vida adulta de ambos, podemos dizer que os dois foram contemporâneos e suas vidas na terra coincidiram durante pouco mais de vinte anos. Eles teriam se encontrado alguma vez? Em algum momento os seus caminhos se cruzaram durante esses anos?

Já vimos que entre eles havia uma diferença de idade de 19 anos. Mesmo assim, algumas coisas parecem aproximá-los. Ambos estudam em colégios de padres. Exupéry chegou a freqüentar, ainda que por pouco tempo, o mesmo colégio no qual Teilhard fez o curso que então se chamava de Humanidades.

Entretanto, a vida escolar de ambos é marcada por desencontros. Teilhard entra na Companhia de Jesus e não sai mais. Aos 19 anos é noviço em Aix-en-provence. Já a trajetória de Saint-Exupéry é sinuosa e passa por experiências diferentes: entre as Belas Artes e a filosofia, ele demora a se encontrar e a se decidir pela aviação e depois se tornar escritor.

Houve, entretanto, um momento em que, procurando o seu caminho, Saint-Exupéry pensou em seguir a vida monástica. É, por coincidência, o mesmo momento no qual Teilhard atrai grande número de pessoas que vão ouvir as célebres conferências que o jesuíta, já começando a ser conhecido, pronuncia em Paris.

Ora, aqui podemos perguntar se o jovem Exupéry, tão inquieto e indeciso quanto ao rumo que daria à própria vida, não teria ido a uma dessas conferências, em busca de orientação. Quem sabe se no meio de todas aquelas pessoas que iam ouvir Teilhard não estaria o jovem Antoine... Ninguém sabe, não há indícios, estamos no reino das conjecturas.

André Devaux (3), que publicou um livro sobre os dois, no início dos anos 60, prefere dizer que o encontro entre ambos se deu num nível mais profundo da vida.

Devaux lê o que eles escreveram sobre as experiências da própria vida e parece nos dizer: Olha, é aqui que eles se encontram, no mais profundo de sua experiência existencial.

Segunda aproximação

Lendo Devaux e mergulhando nos textos de cada um, surpreendemos o que ambos pensam, por exemplo, da infância. Teilhard escreve à mãe: *Nunca perco o contato com o meu Auvergne natal. Acho que uma infância feliz é essencial para uma vida de homem.*

Como se fosse um diálogo secreto entre os dois, Saint-Exupéry também escreve à mãe:

Este mundo de recordações infantis, de nossa linguagem e dos jogos que inventávamos, me parecerá sempre desesperadamente mais verdadeiro do que o outro.

E então ele pergunta: “De onde eu sou?” E responde: “Sou da minha infância como se é de um país”.

Em 1936, o avião de Saint-Exupéry sofre uma pane e ele é obrigado a descer em pleno deserto. Dali escreve à mãe:

Chamei por você no deserto... era de você que eu precisava, a você cumpria proteger-me e abrigar-me... e eu a chamava... você, tão frágil, sabia que era anjo da guarda, tão cheia de bênçãos, para ser chamada na solidão do deserto, dentro da noite?

Como contraponto, temos essa confidência de Teilhard:

Eu devia andar pelos meus sete anos quando vi um cacho de meus cabelos pegando fogo. Era assim que desapareciam os objetos de minha própria vida. Consola-te, Pedrinho - disse mamãe - as coisas não se perdem totalmente. Mudam, transformam-se. Este pensamento nunca saiu de minha memória. É à minha mãe que devo a visão otimista que sustentou minha carreira de pesquisador.

Terceira aproximação

Ouçamos esse depoimento de Henry Brémond, o conhecido autor de *Prière et poésie*:

Há trinta anos, tive como aluno em Humanidades, um jovem auvernês muito inteligente, o primeiro em tudo, mas desesperadamente tímido. Os mais rebeldes da classe, e até os mais lerdos, animavam-se de vez em quando. Ele, porém, nunca. Só muito tempo depois eu soube o segredo dessa aparente indiferença. Ele tinha uma outra paixão, ciosa, absorvente, que o fazia viver longe de nós: as pedras.

Leiamos agora esse diálogo que está em *Vôo noturno*, de Saint-Exupéry: Ele mostra bem as coincidências que existem nesses dois autores:

O inspetor corara ao ousar uma confidência destas. Consolavam-no de todas as decepções e do infortúnio conjugal, e de toda esta triste verdade, umas pedrinhas escuras que rasgavam uma janela sobre o mistério. Corando um pouco mais: Encontram-se iguais no Brasil. E Pellerin batera amigavelmente no ombro dum inspetor debruçado sobre a Atlântida. Fora também por pudor que Pellerin perguntara: Gosta de geologia? - É a minha paixão.

WALDECY TENÓRIO

Quarta aproximação

Depois da geologia e das pedras, o que nos dirão eles sobre a terra? Num de seus mais belos textos, “A missa sobre o mundo”, Teilhard nos dirá que ela é um altar e uma hóstia. *“Recebei, Senhor, esta hóstia total que a Criação, movida por vossa atração, vos apresenta à nova aurora... O sol acaba de iluminar, lá embaixo, a franja extrema do Oriente. Uma vez ainda, sob a móvel toalha de seus fogos, a superfície da terra desperta, freme e recomeça seu espantoso labor. Meu Deus, colocarei sobre minha patena a messe esperada deste novo esforço. Verterei em meu cálice a seiva de todos os frutos que serão hoje esmagados”*.

E na terra, Teilhard vê, antes de tudo, os homens: *Um a um, Senhor, eu os vejo e os amo...*

Da mesma maneira, Saint-Exupéry contempla o seu “planeta errante”. Lemos em *Terra dos homens* o seu encontro com a pedra que se humaniza em lágrima:

Sentia uma alegria talvez pueril em marcar com os meus passos um território que ninguém nunca, nem homem nem bicho, havia pisado... Era o primeiro a fazer escorrer de uma mão para outra, como ouro precioso, aquela poeira de conchas, o primeiro testemunho da vida... O coração batendo com força, abaixei-me para apanhar o meu achado: um pedaço de pedra dura, negra, do tamanho de um punho, em forma de lágrima.

E em tudo isso, o que mais importa a Saint-Exupéry é também o que mais importa a Teilhard: *O mais maravilhoso, porém, é que houvesse ali, de pé, sobre o dorso curvo do planeta, entre o branco lençol de areia e as estrelas, uma consciência de homem. É o que vemos também em Guillaumet, personagem de Terra dos homens: O que eu fiz, palavra que nenhum bicho, só um homem era capaz de fazer.*

Quinta aproximação

Desde o início estamos nos perguntando se por acaso o teólogo e o escritor se encontraram alguma vez no decurso de suas vidas. Mas por falta de provas, o melhor que temos a fazer é seguir a pista de André Devaux, segundo a qual o encontro entre os dois se deu não nos acontecimentos fortuitos, mas num nível mais profundo de suas existências.

É certo que Teilhard leu os livros de Saint-Exupéry e manifestou especial predileção por *Terra dos homens*. Também é certo que Saint-Exupéry leu alguns ensaios de Teilhard. E daí? Daí que existe a esse respeito uma história incrível sobre os dois.

Uma vez um amigo de Saint-Exupéry deu-lhe, de presente, um ensaio de Teilhard. Quando Saint-Exupéry morreu, esse ensaio foi encontrado em sua pasta de aviador. Como era uma cópia mimeografada, um editor pensou que o texto fosse do próprio Saint-Exupéry e já se preparava para publicá-lo como se fosse do escritor quando o mesmo amigo descobriu o *imbróglio* e evitou o escândalo. Freud explica ou teremos de apelar para a sincronicidade de Jung? Em todo caso, se foi possível atribuir a um o texto que era do outro, é porque inegavelmente existe uma grande afinidade entre eles.

Essa afinidade se revela definitivamente nos parágrafos finais do Prólogo de *O fenômeno humano*, de Teilhard:

Na verdade, duvido que haja, para o ser pensante, minuto mais decisivo do que aquele em que, caindo-lhe a venda dos olhos, descobre que não é um elemento perdido nas oscilações cósmicas, mas que uma universal vontade de viver nele converge e se hominiza. O homem, não no centro estático do mundo – como ele se julgou durante muito tempo – mas eixo e flecha da Evolução, o que é muito mais belo.

E depois?

Teilhard de Chardin e Saint-Exupéry atingiram o limite da angústia quando se perguntaram, em suas respectivas obras, o que poderiam dizer aos homens do século XX para que eles não se perdessem. No início do século XXI, em meio ao ceticismo generalizado e aos horrores em que vivemos, marcados por tantas feridas narcísicas, o que diriam eles para que não nos percamos?

Comentei, no início, que não sabia o que devemos nem como devemos ensinar e apresentei algumas razões para isso. E aleguei, principalmente, que preferiria ficar no plano subterrâneo onde estão as raízes cartilaginosas das idéias. É lá que encontramos as questões paidêumicas que devem ser ensinadas. De que se trata, afinal?

A *Paidéia* (4) é certamente uma referência obrigatória... Mas aqui podemos traduzir essas questões paidêumicas, de uma maneira mais próxima desse simpósio, dizendo que uma escola tem muita água parada e as questões paidêumicas só aparecem na correnteza principal, por onde fluem as águas vivas que alimentam a cultura. É de lá que brotam perguntas como esta de Shiller em sua oitava Carta: “Onde reside, pois, a causa de ainda sermos bárbaros?” E a indagação já traz implícita a sua resposta: na falta de uma educação *est-ética* (a ética se inclui nela) que nos traga de volta a sensibilidade perdida.

Sem ela, tudo desaba. O sagrado, como ensina Roger Caillois, é uma categoria da sensibilidade (5). Ao perder a sensibilidade, perdemos, portanto, o sagrado, e quando o sagrado se perde, diz Kolakowski (6), tudo desmorona. E o homem se transforma no rinoceronte de Ionesco (7) e no desomem de que fala a poesia de Murilo Mendes (8). E então, lembra Marshal Berman, tudo que é sólido desmancha no ar. Por isso, sempre é necessário partir do “pressuposto antropológico”.

E quando se trata de “pressuposto antropológico”, é sempre útil ir em busca das lições que extraímos da antropologia teológica de Chardin e da antropologia literária de Saint-Exupéry. Duas antropologias que se fundamentam no senso do sagrado que se esconde nos interstícios do texto poético.

No mundo da racionalidade tecnológica e do consumo, nesses tempos de pós-humanidade em que estamos mergulhados, vivendo a experiência do horror econômico (9), do horror político, do horror social, do horror cultural, do horror religioso, do horror, temos urgência de uma linguagem capaz de nos devolver a nostalgia do divino e – por que não? – a nostalgia do humano. Essa linguagem é a linguagem poética, a que melhor exprime a pregnância das questões paidêumicas que a escola deixa passar.

Mas não se pense por isso que a poesia, a literatura, para usar a expressão mais geral, seja uma ancila da teologia. Não é. Felizmente ela é rebelde. Às vezes, atéia. Quase sempre, irreverente. É capaz de desafiar o Pai epistemológico, o Pai político, e o Pai religioso. (10) Mas é o último resíduo de êxtase presente na sociedade moderna e, de vez

WALDECY TENÓRIO

em quando, do fundo de sua angústia, a blasfêmia deixa extravasar uma oração desesperada, como nesse poema de Ruy Belo (11):

*E ter eu de passar a vida à procura da chave
e procurar abrir e não saber da chave
e não existir nunca porta ou chave
e chave ser palavra ambígua ter sentido
e haver muitas palavras e muitíssimos sentidos
e a vida ser só uma e ser a vida
e haver mãos para as coisas gestos para as mãos
e não haver que porra uma saída.*

No dia em que voltarmos a ser os professores extraordinários lembrados por Daniel Pennac seremos capazes de levar para a sala de aula um pouco dessa angústia do poeta, como antídoto à anestesia geral das consciências e dos sentimentos. E é possível que, nesse dia, no fundo da sala de aula, uma voz tímida se erga para formular uma pergunta paidêumica pelo sentido.

O que responderás a esse aluno, a essa aluna, Teilhard de Chardin? *É melhor ser do que não ser; é melhor ser mais do que ser menos*(12). E tu, Saint-Exupéry, o que dirás? *Detesto os que estragam os homens... Anda-se lado a lado, muito tempo, cada um fechado em seu silêncio, ou trocando palavras que não encerram nada. Mas eis a hora do perigo. Então vem a ajuda mútua. Descobre-se que se pertence à mesma comunidade. Cada um se enriquece com a descoberta de outras consciências. Então os homens se olham com um grande sorriso. E parecem prisioneiros libertados que se maravilham com a imensidão do mar* (13).

E depois de ouvir essas duas vozes, Rui Belo, esperemos que se abra uma saída da angústia ao êxtase e do êxtase à revelação. E com essa esperança, posso fazer silêncio e interromper o que vinha dizendo. Era mesmo para esse lugar que o texto, como mapa e roteiro, queria nos conduzir.

Notas e referências bibliográficas

- (1) *Comme un roman*. Paris: Gallimard, 1992.
- (2) O poeta e crítico Ezra Pound usa o termo paideuma para designar o conjunto das obras mais importantes de todos os tempos, ou seja, o grande legado cultural que vale a pena ser transmitido. Aqui ele está sendo associado à escola, aos grandes temas humanistas que devem ser discutidos de geração em geração.
- (3) Teilhard et Saint-Exupéry. Paris: Gallimard, 1964.
- (4) Não só a obra monumental de Werner Jaeger mas principalmente o que o termo significava para os gregos.
- (5) *L'homme et le sacré*. Paris: Gallimard, 1962
- (6) *O horror metafísico*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- (7) Alusão à peça, *O rinoceronte*, de Eugène Ionesco.
- (8) Referência ao poema "O desmembrado", do livro *Convergência*.
- (9) Alusão ao livro de Viviane Forrester.

ANGÚSTIA, ÊXTASE E REVELAÇÃO

- (10) *O rumor da língua*. Lisboa: Presença Editorial, 2001.
- (11) A citação do poeta português é tirada de “Um quarto as coisas a cabeça” que está em *Transporte no tempo*.
- (12) É o “primado da consciência” que Chardin desenvolve em *Meu universo*.
- (13) No livro *Terra dos Homens*.

